REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 2, jan-jul. 2018.
Missões

MOBILIZAÇÃO LGBTT+ NAS REDES SOCIAIS

MOBILIZATION LGBTT+ ON THE SOCIAL NETWORKS

Henrique Esper[1]
Luis Carlos Santis Alves[2]

Resumo:O presente trabalho busca compreender de que forma o movimento social "Girassol, amigos na diversidade" usa o facebook para tornar visíveis as lutas LGBTT+ e também verifica se a plataforma pode servir de espaço de mobilização e participação cidadã. As informações foram coletadas na página da Girassol, levando em conta as postagens, entre 2015 e 2017, com maior engajamento, visualização e compartilhamento. A abordagem metodológica é de cunho quanti-qualitativo. Na coleta das informações, utilizaram-se registros fornecidos pelos administradores da página Girassol, Amigos na Diversidade, mapearam-se as publicações com maior alcance e entrevista semidirigida com um dos seguidores. Evidenciou-se que as publicações e interações com seus usuários e apoiadores têm o potencial de mobilizar, fomentar a participação e também consegue amplificar e ampliar as vozes LGBTT+, muitas delas ressignificadas e reconstruídas a partir do processo de conscientização.

Palavras-chave: Redes Sociais Digitais; LGBTT+; Mobilização social.

Abstract: The work seeks understand how the social movement "Girassol, amigos na diversidade" uses facebook to make visible the LGBTT + fights and also checks if the platform can serve as a space for mobilization and citizen participation. The information was collected on the Girassol page, taking into account the posts, between 2015 and 2017, with greater engagement, visualization and sharing. The methodological approach is quantitative-qualitative. In the collection of the information, records provided by the administrators of the page Girassol, Amigos na Diversidade were used, the publications with larger reach and semi-directed interviews with one of the followers were mapped. It has been shown that publications and interactions with their users and supporters have the potential to mobilize, encourage participation and also to expand and amplify LGBTT+ voices, many of them re-signified and reconstructed from the awareness process.

Keywords: Digital Social Networks; LGBTT+; Social mobilization.

INTRODUÇÃO

O objetivo é discutir parâmetros gerais, a partir dos quais as redes sociais digitais podem se identificar como espaço de mobilização social, pela sociedade civil organizada e demais organizações identificadas com o caráter cívico requerido pela população, no processo de desenvolvimento do contexto sociocultural e histórico que se vivencia.

[1] Graduando em Relações Públicas, bolsista AGP do grupo de pesquisa Relações de Fronteira: história, política e cultura na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Universidade Federal do Pampa.
[2] Mestre em Educação, licenciado em geografia, especialista em ensino da geografia e graduando em letras. É professor na Escola Estadual Técnica Encruzilhada. Maçambará, RS, E-mail: profsantis@yahoo.com.br

Nesse contexto, as redes sociais fomentaram novas oportunidades de participação e oferecem à sociedade civil organizada plataformas que contribuem para o exercício de suas ações. Dados da empresa Facebook mostram que 45% da população brasileira está inserida em seu site, apresentando-se como uma das plataformas notáveis quando se trata de comunicação com os diversos públicos nas redes sociais. Evidencia-se a importância dos movimentos sociais de se comunicar com seus públicos, a partir das redes sociais, fomentando a participação, conscientização e integração. E essas ações não são realizadas a esmo. Criam-se estratégias para interagir com seguidores, apoiadores, de modo que os conteúdos tornem-se disponíveis aos públicos, podendo atingir inclusive quem repudia a luta LGBTT+ e deve-se ter estratégias também para lidar com as situações de homofobia, violência e negação da identidade do outro.

Neste estudo, considera-se o Facebook como espaço de mobilização social e participação cidadã no município de São Borja. Verificaram-se as ações, a partir das postagens com potencial de visibilidade, bem como as estratégias de comunicação digital da Organização Não Governamental: Girassol, Amigos na Diversidade, que atua diretamente com o público LGBTT+, apresentando informações relevantes para favorecer a reflexão e tomadas de decisões. As informações aqui apresentadas foram verificadas na página do movimento no Facebook, levando em conta as postagens com maior engajamento, visualização e compartilhamento.

A abordagem metodológica deste estudo é de cunho quanti-qualitativo. Na coleta das informações, utilizaram-se registros fornecidos pelos administradores da página do Facebook da Girassol. Também se realizou entrevista dirigida com um dos seguidores da página e fez-se o registro e mapeamento das publicações com maior alcance entre 2015 e 2017.

Diante disso, dentre as diversas postagens, selecionaram-se três publicações que obtiveram o maior alcance nesse período. Aproveitou-se também para escolher as publicações com teor informativo, de conscientização e de mobilização social, para mostrar aos leitores, as estratégias de participação cidadã num ambiente de redes sociais, ou seja, as lutas cotidianas se unem e se ampliam através das publicações, garantindo socialização das informações e possibilidade de novos apoiadores à causa. O que se pretende demonstrar, ao longo da nossa narrativa, é que as temáticas, ao ser socializadas, compartilhadas pelo público, amplificam e ampliam as vozes LGBTT+, muitas delas ressignificadas e reconstruídas pelos seguidores e apoiadores.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS AUXILIAM NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

As pessoas que compõem os movimentos sociais são civis, que se organizam a partir de uma ideia em comum e atuam coletivamente. Contudo, nesse processo, constrói-se a identidade, baseando-se em conjunto de valores, percepções e visões de mundo que os constituem. Aliam-se a isso as representações simbólicas que também são construídas ou adotadas (GOHN, 2008) pelo grupo social. Há, no país, diversos movimentos sociais, entre eles, estão os movimentos sociais ligados às lutas dos negros, dos imigrantes, das feministas, dos atingidos por barragens, dos vegetarianos e dos LGBTT+.

O movimento Girassol, amigos na diversidade, insere-se nas demandas dos movimentos sociais. Ela está localizada em São Borja, cidade com mais de 60 mil habitantes, assim como as demais cidades brasileiras, vive-se um momento de reconstrução das identidades de gênero a partir da proposta de aceitação do seu próprio Eu. Diante dessa pluralidade de lutas sociais, elas se organizam a partir de demandas comuns, pode-se dizer como afirma Castells (2008, p. 24) que se trata de movimentos e de "identidades de resistência", uma vez que são elas que unem as minorias, os marginalizados, os desfavorecidos, desvalorizados pela lógica de dominação socioeconômica, política e cultural.

As experiências vividas pelos sujeitos que participam ativamente dos movimentos são impactadas pelas transformações individuais e coletivas. Pois, a base de sustentação é a conscientização, a autonomia e a emancipação humana. Fatores que garantem a liberdade, a justiça e a conquista dos direitos humanos. Como se percebe, vai além da doação na perspectiva freiriana[3]. Exige-se não apenas de quem luta, mas a participação cidadã e coletiva para garantir os direitos sociais, jurídicos e civis, isto é, as conquistas são frutos das ações coletivas que se constroem na prática cotidiana, no jogo diário dos relacionamentos (GOHN, 2008) inclusive com tensionamento do Estado. Nesse sentido, os sujeitos autônomos aceitam as singularidades, as diferenças dos indivíduos, assumindo a diversidade cultural das pessoas, ou seja, elas aprendem a dialogar com o diferente, como diz Gohn (2008, p. 34):

> Os indivíduos adquirem autonomia quando constroem um campo ético e político de respeito ao outro, seja amigo ou adversário, jamais vendo este outro como membro de sua teoria pessoal de relações subordinando à dominação, ou um esteio para seus interesses particulares e particularistas de poder e, muito menos, como um amigo. A autonomia emancipatória dos indivíduos é construída com base na clareza, visibilidade

[3] Alguém doa e o outro apenas recebe os conhecimentos, sem manifestação, Freire (2007) considerava esse modelo como: domesticação.

> e transparência das ações, que prioriza a dimensão comunicativa de reunir informações e disponibilizá-las, como parte do campo ético.

Isso faz ver que é preciso ter um olhar humanizado para o outro, assegurando-lhe a equidade, igualdade de condições e liberdade. Nesse sentido, os movimentos contestatórios, progressistas, resistem e defendem os interesses das minorias. Para os setores dominantes, os movimentos que defendem a causa LGBTT+ querem impor uma ideologia às famílias tradicionais. Essa narrativa revela a tentativa de desestimular as resistências, desviar o foco e manter o sistema desigual. Ou seja, os valores estipulados pela sociedade contemporânea, ainda mais acentuados pelos conservadores, são os acúmulos de bens materiais, simbólicos e dominação do outro. Eles desmerecem e desrespeitam a autonomia dos indivíduos que sofrem, no cotidiano, injustiças porque querem ser e viver as suas diferenças. Daí a importância dos novos movimentos sociais que renovam e estabeleçam sintonias e conexões entre os indivíduos, formando redes de ações em defesa da vida, das práticas solidárias e do bem comum no espaço público.

REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES

As interações nas diversas redes sociais são importantes para a construção do indivíduo. Com as transformações na área da comunicação social surgiram possibilidades, antes restritas a detentores dos canais de transmissão. É o caso das mídias tradicionais, os indivíduos não tinham voz, portanto, não eram ouvidos. Desse modo, nos dias atuais, surgiram canais online de relacionamento, com possibilidade das pessoas se comunicar por diversas plataformas. E, os movimentos sociais têm aproveitado dessas ferramentas para ampliar as suas reivindicações, com adesão de novos apoiadores ou recebendo mensagens de grupos que optam pela provocação, agressão e desrespeito.

Nessas novas configurações da mídia, os indivíduos passam a ter voz ativa nesses espaços. A mídia amplia o debate dos movimentos sociais. Se antes as lutas eram localizadas, agora, ganharam novos espaços online. Vale destacar que não basta criar a plataforma. É preciso mantê-la atualizada e realizar o gerenciamento. Por sua vez, nos movimentos sociais, grande parte dos envolvidos na atualização das plataformas são pessoas que trabalham e destinam parte do seu tempo, voluntariamente, para se dedicar ao grupo e as pautas do movimento, dificultando o gerenciamento da plataforma.

Quando se refere às transformações da comunicação, inclusive nos movimentos sociais, Castells (2008), nos faz refletir sobre as formações de redes e a flexibilidade que elas proporcionam, tornando praticamente indistintas as fronteiras da participação e de envolvimento, que individualizam as relações sociais de produção e provocam instabilidade estrutural do tempo, do espaço e das narrativas.

Entende-se que as redes sociais digitais são espaços que viabilizam o fortalecimento das lutas dos movimentos sociais, nas construções das identidades, resistências, justamente por romper com as lógicas tradicionais de comunicação. Ou seja, o polo detentor da comunicação multiplica-se e os próprios indivíduos tornam-se emissores de informações, oferecendo inúmeras possibilidades aos movimentos sociais. E, as plataformas online facilitaram o acesso e podem divulgar, estrategicamente, as ações que antes não conseguiam furar o bloqueio midiático tradicional.

Diante desse panorama, defende-se aqui que a rede social digital é um canal importante de divulgação, socialização das ações, mas não pode substituir as estratégias tais como reuniões, avaliações, fóruns de debate, mobilizações setoriais, institucionais e de rua. É nessa conjuntura que se destaca a criação da página LGBTT+, Girassol, amigos na diversidade, localizada no município de São Borja, Rio Grande do Sul. Verificou-se que os integrantes do movimento, por serem jovens e estarem conectados e atentos ao consumo simbólico, sentiram a necessidade de se movimentar e organizar a partir de pautas invizibilizadas - gênero e diversidade - buscando identidade própria, definindo reivindicações e projetos coletivos. A página Girassol, amigos na diversidade reflete a força social e política do movimento, pois foi construída a partir da participação e dos protagonismos das pessoas que lutam pela valorização do outro e pelo direito de fala.

O MOVIMENTO SOCIAL: GIRASSOL, AMIGOS NA DIVERSIDADE

A ideia de reunir pessoas e organizar um movimento social surgiu na residência da família Roballo em São Borja. Dona Ilza Roballo quis lutar pelos direitos não só de seus filhos biológicos, mas também do público LGBTT+ da região, na fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul. Em 2008, O movimento social "Girassol, Amigos da Diversidade", formalizou-se com a finalidade de promover diversas ações com foco na juventude LGBTT+, além de

buscar diálogo constante com educadores e o poder público, com ênfase para a comunidade diversa sexualmente[4].

Desde sua consolidação, o movimento tem realizado incansavelmente ações entre conscientização da população sobre o uso de preservativos, palestras, rodas de conversa, mateadas, orientações sobre saúde e intervenções socioculturais com a temática voltada a classe LGBTT+, a fim de promover discussões na região e abordar temas considerados tabus pela população, principalmente para aqueles que não estavam familiarizados com o tema e até para contrapor a propagação do discurso conservador. Desse modo, o intuito de se fazer presente nos lares e nos espaços públicos de São Borja e região, o movimento passou a organizar eventos de grande porte, tais como: Fórum da diversidade, Virada Cultural LGBTT+, baile da Diversidade e do Arco-íris.

A Girassol visa agregar pessoas e expandir a sua presença e atuação. Por isso, em 2015, inseriu-se nas redes sociais digitais e foi ofertado um leque de oportunidades. Foram encontradas pessoas que não a conheciam e começaram a conhecer ou até se identificar a partir da plataforma Facebook. A inserção deu-se em dois momentos: no primeiro, iniciou-se como perfil, opção utilizadas para pessoas físicas, sem a possibilidade de mensuração de dados, dificultando estratégias comunicacionais; no segundo, foi criada a página, a qual será analisada, relacionando a proposta de incentivo ao debate e a divulgação de informações no intuito de fortalecer a identidade da classe LGBTT+. Com foco no registro, também será realizada a mensuração dos dados obtidos pela página, de forma a gerar conteúdo para nossa reflexão.

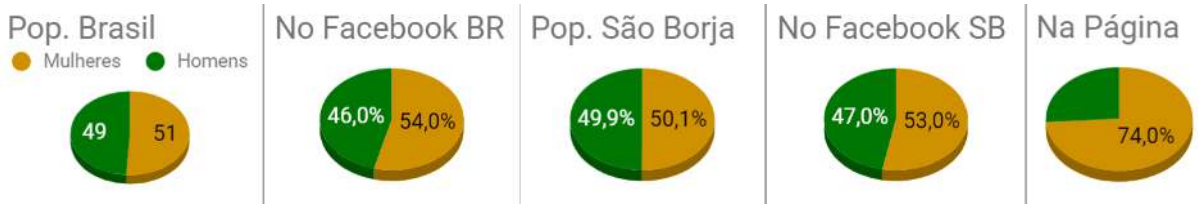
INFORMAÇÕES E MENSURAÇÃO DOS DADOS DA PÁGINA DO FACEBOOK

A verificação dos dados foi realizada entre o período de dezembro de 2015 e dezembro de 2017. As informações extraídas da página revelam dimensões importantes para compreender os relacionamentos e as interações do movimento com seus seguidores. Dos 1.995 seguidores, 74% são mulheres e 26% são homens. Contabilizando a diferença de quase 20% a mais da presença feminina na página. Esses dados são notáveis, pois segundo os dados apresentados pelo censo do IBGE (2010) e o site Facebook (2017) sobre a população em geral, os números relacionados ao público feminino são relativamente menores que os trazidos pela página. Segundo o IBGE (2010), o Brasil é composto por 51% de mulheres e São Borja por 50,1%.

[4] Revista Girassol, produzida pelos acadêmicos Ilton Porto, Larissa Buchard e Lucas Bertuol do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA

Segundo a ferramenta do Facebook Audience Insights (2017), na cidade de São Borja há cerca de 30 a 35 mil contas ativas. Desse total, 53% são mulheres e 47% são homens, como exemplifica a figura 1:

Figura 1: A população nacional e local e as contas ativas no Facebook.



Fonte: Os autores (2017)

Observando o gráfico, identifica-se o distanciamento na proporcionalidade dos números trazidos. As mulheres na página Girassol, amigos na diversidade, atingem 20% a mais em quantitativo do que o maior número nos gráficos apresentados (54% de mulheres com contas ativas no Facebook no Brasil). Relacionando esses números à trajetória da história feminina no Brasil, pode-se conectar ao pensamento de Gohn (2008). As mulheres estão conseguindo, com muita luta e união, conquistar os espaços e garantir os direitos. Caso se considerar que as mulheres não eram parte dos grupos dominantes e que estiveram e estão à frente dos movimentos sociais contestatórios e que os movimentos ajudam-nas a se tornarem sujeitos autônomas, pode-se dizer que um dos motivos para a quantidade de mulheres que seguem a página dá-se pelo campo ético construído e pelo olhar mais amplo às minorias representativas no campo sociocultural e político.

Sobre quem vê e fala a respeito dos conteúdos divulgados, predomina a presença das mulheres, cerca de 75%, comentam, compartilham, curtem e usam emoji (figuras). É importante dizer que os homens olham os conteúdos associados à página, mas não reagem. Essa informação indica que os homens veem os conteúdos, mas não curtem, muito menos compartilham a página no Facebook. Ou seja, não se tornam seguidores, não comentam e nem falam a respeito dos conteúdos. Por sua vez, as mulheres falam na mesma proporção com que consomem os conteúdos da página. Esses números podem estar associados ao medo, à repressão ou à anulação do conteúdo por parte dos homens, com a intenção de não divulgar as informações relacionadas aos temas do movimento para não se sentirem parte e nem associados às causas LGBTT+, que, por si só, essa informação já revela que o tema continua sendo barreira na promoção do diálogo e até mesmo, motivando os comentários irônicos, ameaçadores, violentos e preconceituosos.

Também foi realizada a mensuração dos dados referentes à variação dos valores de curtidas da página. Nota-se que são nítidas as alterações desde dezembro 2015, com fortes acentuações em alguns períodos do ano, justamente, nos meses que a Girassol realiza eventos públicos, tais como: Baile da Diversidade, Fórum e rodas de conversas.

A Girassol utiliza a página para veicular informações sobre suas ações nos espaços públicos ou através dos compartilhamentos de conteúdos já produzidos. Essas variações expressam as atividades realizadas, a promoção de atividades que tornam visíveis os trabalhos da Girassol na cidade, período em que ocorreram eventos, mateadas, blitz sobre prevenção que foram realizadas nas baladas, com intuito de alertar a juventude sobre o uso de preservativos.

Isso demonstra que os eventos produzidos pela Girassol geraram curtidas. Foi o caso, da primeira Virada Cultural LGBTT+ de São Borja, produzida pelo movimento. Já em julho e setembro de 2017, ocorreu o Baile da Diversidade em São Borja. A partir desses eventos, com forte presença de público, pode-se notar também que houve engajamento nas redes sociais, isto é, ocorreu o alinhamento entre as ações externas promovidas pela Girassol com a presença dos novos sujeitos nos espaços físicos, geraram a articulação do real com o espaço virtual, inserindo-se nas redes sociais digitais. Estratégia que pode ser compreendida como forma de atingir novos grupos sociais.

GIRASSOL PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

As próximas figuras exemplificam bem a capacidade de alcance das novas plataformas. Sai do local para atingir grandes quantidades de pessoas a partir de formas de relacionamento com seus públicos. A figura 2, por exemplo, é uma publicação que almeja dar visibilidade a mulher trans. Alexia Cunha, técnica em saúde, que consegue aliar a sua condição identitária com a profissionalização. Nas palavras dela, “luto contra a higienização das identidades de resistência no mercado de trabalho”.

Ao menos dois pontos são importantes a ser destacados na sua relação entre história de vida com o mercado de trabalho. O primeiro é que Alexia apoiava o partido político que administrava o município e o gestor tentava a reeleição, mas saíram derrotados nas urnas. Com a troca dos gestores, o contrato de trabalho dela foi rescindido, demonstrando que ter posicionamento e clareza no processo democrático pode resultar em retalhamento, ou seja, não se olha a dedicação da profissional no ambiente de trabalho, mas sim a sua maneira de pensar. É um típico caso de que a sociedade ainda não se habituou a tomada de consciência e que elas

querem ter a liberdade para realizar as suas próprias escolhas e tomadas de decisões. O segundo ponto é a intenção das pessoas que detêm o poder em excluir as identidades de resistência do mundo do trabalho, dificultando o ingresso das pessoas no ambiente de trabalho. Sem trabalho e renda, elas passam a viver de promessas "quando abrir uma vaga, a gente te chama" e podem, mesmo sendo profissionais com qualificações, voltar às margens da sociedade.

Sobre esse assunto, a Girassol publicou o relato de Alexia e alcançou 15.332 pessoas, obteve 1.390 reações, 114 comentários e 75 compartilhamentos, demonstrando o apoio popular à causa e fortalecendo o movimento que se coloca contra a desvalorização, o descarte das pessoas pela lógica sociopolítica e cultural. E, ao promover o debate sobre a narrativa da Alexia, as pessoas unem-se contra o processo de exclusão e práticas adotadas por uma sociedade que legitima a segregação.

Figura 2: Narrativa de Alexia Cunha gera comoção social



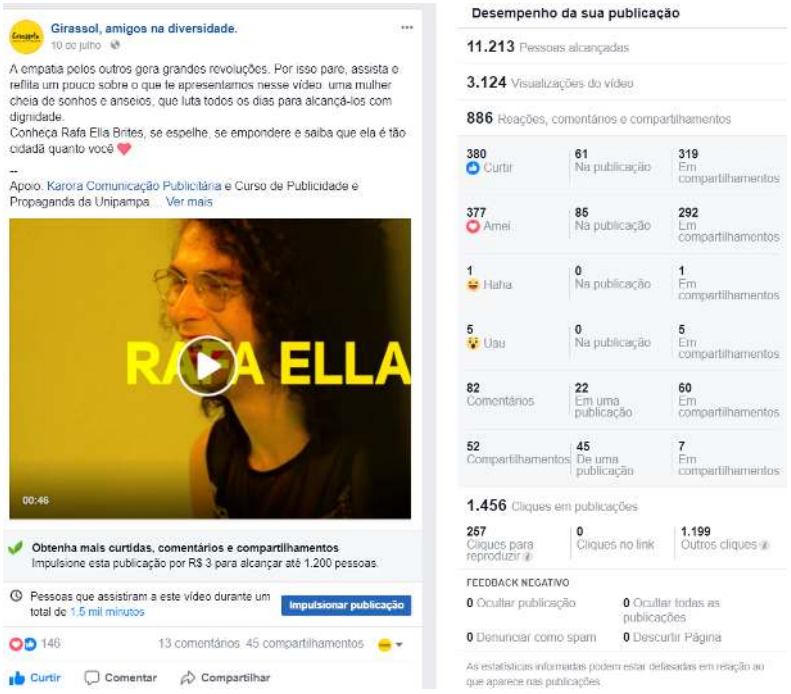
Fonte: Página Girassol (2017).

Posicionar-se politicamente fez com que Alexia fosse removida de seu emprego no hospital público da cidade. O desrespeito não se deu unicamente por ser uma pessoa trans, deu-se também por sua maneira de expressar uma ação política. Essa visão política de sociedade em que, dependendo do partido eleito, indivíduos não podem trabalhar ou não são aceitos para estarem no mesmo ambiente. É um velho dilema da ação política, quando as pessoas não possuem estabilidade no emprego. Onde os que apoiaram a gestão possuem cadeiras exclusivas e aos seus opositores o caminho padrão é a demissão. Com a demissão, quem perde é a

população, pois a relação contratual abrange fins comunitários, ou seja, por ser enfermeira, mulher trans, possui diferencial no atendimento especialmente à classe LGBTT+.

Já na figura 3 analisaremos um vídeo criado pela agência experimental Karora, do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, que apresenta a conselheira estadual LGBTT+ do Rio Grande do Sul e participante do movimento Girassol, Rafa Ella Brittes, como uma mulher travesti. No seu cotidiano, ela age, faz e desempenha funções que as mulheres, no seu dia a dia, realizam: estuda, anda de ônibus, trabalha, vive, paga suas contas e frequenta festas. Ou seja, desmistifica a vida cotidiana de uma mulher travesti. O vídeo foi visto por 11.213 pessoas, as quais, 886 reagiram a publicação e foi compartilhado 45 vezes.

Figura 3: Vídeo Rafa Ella Brittes.



Fonte: Página Girassol (2017).

Esses números são importantes para o entendimento do alcance gerado pelas novas formas de se comunicar, tornando-se, muitas vezes, a voz das pessoas que estão nessas mesmas condições, mas que as identidades estão sendo construídas e reveladas. É válido salientar as variadas formas e maneiras com que essas plataformas podem ser exploradas para atingir cada vez mais indivíduos na sociedade. Esta publicação foi escolhida pelo protagonismo frente às demais, pela quantidade de pessoas envolvidas a partir de um produto socializado pelo movimento, produzido e apoiado por uma universidade pública.

Por sua vez, na figura 4, relata e registra a agressão sofrida pela militante Lisiane Pohlmann em 2016. Ela foi agredida por uma "senhora religiosa que, com discurso fundamentalista, violou o direito de Lisi de ir e vir e ocupar os espaços públicos como cidadã". Além disso, o movimento procurou Lisiane e disponibilizou auxílio tanto com a advogada do movimento quanto com o contato com a rede de atendimento assistencial da prefeitura para realizar o acompanhamento psicológico. A publicação alcançou 9.324 pessoas, obteve 690 reações, 75 comentários e 37 compartilhamentos.

Figura 4: Militante é agredida



Fonte: Página Girassol (2017)

A divulgação da agressão sofrido por Lisiane que possui cunho preconceituoso, é importante para mostrar a dificuldade em pautar temáticas relacionadas as identidades de resistência na sociedade que se mostra cada vez mais individualista, com discurso de ódio que tem gerado cada vez mais atos violentos. Pois, trata o outro com olhar de competitividade, como se o pensamento do outro, mesmo sendo diferente, contestatório, fosse algo perigoso e deve ser humilhado e extinto. Nesse sentido, a divulgação desse episódio é fundamental primeiro para alertar e denunciar, pois as pessoas que sofrem agressão precisam ser orientadas e acompanhadas por profissionais capacitados para ajudá-las em suas condições física, psicológica e jurídica.

Nessa dinâmica de socializar os acontecimentos, as publicações, mesmo sendo localizada, no interior do estado, ganha outras proporções e ambientes nacionais e globais. Foi o que ocorreu com a publicação da página da organização Mídia Ninja, de alcance nacional.

Mídia Ninja compartilhou a entrevista da coordenadora da Girassol, Lins Roballo, ao site Nluccon[5]. A entrevista diz respeito a sua nomeação como Secretária adjunta do Trabalho, Habitação e Assistência Social no município de Itaqui no Rio Grande do Sul. Escolheu-se essa publicação pela quantidade de interações tanto na página do Mídia Ninja (nacional), como em seu perfil pessoal da Lins (local). Foram 2,2 mil pessoas reagindo a publicação, 71 comentários e 145 compartilhamentos e, em seu perfil, 466 reações, 55 comentários e 52 compartilhamentos.

Figura 5: Entrevista de Lins Roballo



Fonte: Página Mídia Ninja e Perfil Lins Roballo no Facebook (2017)

Essas ações de divulgar os conteúdos são importantes ao movimento LGBTT+, pois as estratégias da Girassol passam a ser percebidas por outras pessoas, bem como por canais de comunicação. E, a partir disso, produzem entrevistas, registros fotográficos e outras formas para dar visibilidade as ações realizadas, garantindo que a voz do movimento não fique apenas nas redes sociais digitais, ecoa-se em ambientes que de outra forma haveria dificuldade para se chegar. Nesse sentido, estar nas redes sociais, transcende, extrapola o local, as fronteiras sociopolíticas e culturais, gerando visibilidade para o movimento, com capacidade para pautar o debate em dimensões locais, nacionais e globais.

[5] http://www.nlucon.com/2017/07/militante-trans-e-nomeada-secretaria.html

INFORMAÇÕES E INTERAÇÕES A PARTIR DO FACEBOOK

Para informar a sociedade sobre temáticas ligadas a diversidade, a página do movimento procura abordar elementos significativos à identidade LGBTT+. Procura mostrar e narrar a história de pessoas que podem auxiliar na construção e tomada de consciência, bem como inteirar a população acerca de assuntos voltados a essas narrativas que são subsumidas da mídia, pois não são pauta nos canais de comunicação, aliás, ganham espaços em programas humorísticos.

Diante disso, com o intuito de resgatar a história de pessoas que fizeram parte da luta e construíram a história da diversidade na região, o movimento fez uma publicação narrando a história de Ivo Rodrigues. Ele é, atualmente, uma espécie de santo para aqueles que recordam de sua figura. Isso ocorre, segundo a página Girassol, porque Ivo nasceu em 1908 na cidade de São Borja e foi proprietário do cabaré Casa Rosa de Uruguaiana - RS, que era frequentado por autoridades políticas do Brasil, Uruguai e Argentina, além de empresários, ruralistas e caudilhos da região. Desfilava com uma carruagem vitoriana pela cidade, enquanto levava alimentos para as famílias em situações de vulnerabilidade social. Ou seja, Ivo era referência de empreendedor da Casa Rosa e de solidariedade com os mais necessitados.

Figura 6: Ivo Rodrigues: a história LGBTT de São Borja



Fonte: Página Girassol (2017).

Esse resgate da história LGBTT de São Borja, protagonizado por um homem homossexual percorre o caminho inverso das grandes mídias. Enquanto elas buscam contar histórias das elites do local onde estão inseridas, o movimento traz figuras importantes para mostrar as superações, inclusive reportando à memória, às lembranças para que a luta não seja apagada, ou como que as pessoas saibam que a tentativa de tornar visível a diversidade é longa e duradoura.

A próxima figura foi selecionada por conta do posicionamento social e político do movimento. A publicação repudia a decisão da justiça que em 2017 permitiu "tratar a homossesualidade como doença". A legenda da publicação mostra a contestação por parte da Girassol, isto é, o movimento é contra todo e qualquer retrocesso à liberdade de individualidade e padronização sexual LGBTTs:

Figura 7: Crítica ao retrocesso dos direitos LGBTTs.



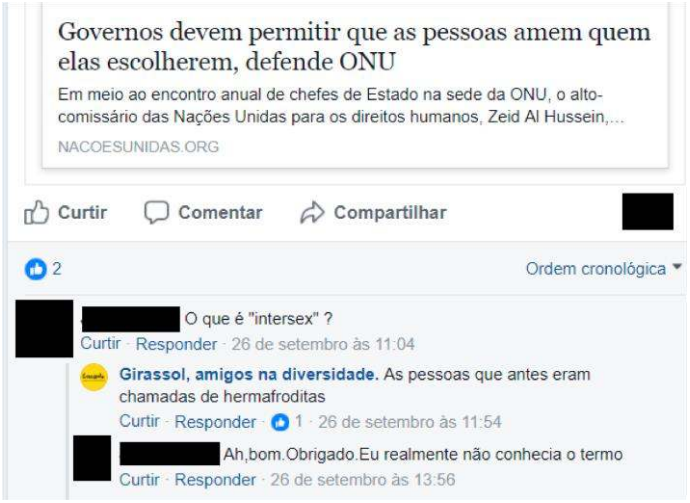
Fonte: Página Girassol (2017).

A prática de criticar medidas que vão contra a ideologia dos movimentos sociais, ajuda no processo de conscientização daqueles que consomem conteúdos da página do Facebook, auxilia na compreensão de posturas e ideias bem definidas na arena pública. Ir contra uma decisão elaborada de cima para baixo, sem ouvir as vozes dos indivíduos que estão às margens da sociedade é, acima de tudo, politizar a questão da diversidade, do homossexualismo, colocando-se e se apresentando na arena pública, lugar onde incidem e se confrontam os

diferentes grupos de pressão e de interesse. Publicar o posicionamento contrário mostra que, nesse espaço, é também ambiente para promover contestações, críticas e situar as pessoas e os seguidores numa luta em prol do respeito à diferença.

Ao publicar uma notícia produzida pela Organização das Nações Unidas, defendendo que governos devem permitir que pesssoas amem quem elas escolherem. O movimento faz menção ao preconceito sofrido pelas pessoas que não fazem parte da população que possui um namoro ou casamento "tradicional". No texto da notícia, contém a palavra "intersex", que diz respeito as pessoas que antes eram chamadas de hermafroditas. Ao lê-la, um seguidor ficou em dúvida sobre o significado do termo e consequentemente comentou, a fim de se informar sobre o termo e o contexto. Os administradores da página responderam, informando-o a respeito.

Figura 8: Interações com o público



Fonte: Página Girassol (2017).

Para aprofundar no contexto deste seguidor da página, realizou-se uma entrevista para compreender sua apropriação da página como espaço informativo das questões que a Girassol aborda. O seguidor é de Santiago - RS, atualmente mora em São Borja - RS, tem 39 anos, católico e conhece a Girassol há um bom tempo e, nos últimos anos, começou a seguir a página e ver os seus conteúdos. De acordo com o entrevistado, a página foi sugerida pelo Facebook e, depois que começou a segui-la, sempre que pode ele interage com ela, "às vezes, discordando de alguns temas, mas procuro respeitar porque sei que eles também nos respeita".

A entrevista concedida pelo seguidor é de suma importância para a compreensão do contexto informacional, pois ele deixa claro que, quando pode participar, interagir com os conteúdos veiculados, debate e, acima de tudo, procura entender o que o movimento quer passar

para a população, ou seja, as informações ganham significado porque geram diálogo, esclarecimentos e aproximações. Fica evidente a necessidade que as pessoas têm de receber, no conforto de suas casas ou em seus dispositivos móveis, informações referentes às lutas dos movimentos da sociedade organizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as publicações realizadas pelos administradores da página Girassol, compreendem-se as estratégias de tornar as lutas visíveis através do Facebook como espaço de mobilização social. Um dos dados que chamou a atenção para ser abordado foi a quantidade de mulheres engajadas com a causa, consumindo e compartilhando os assuntos que a página compartilha. Mostrando a capacidade que sujeitos emancipados possuem de se familiarizar com causas de indivíduos que são a todo momento marginalizados pela sociedade.

Observou-se, a partir da fundamentação teórica e os dados obtidos da página, a busca pela visibilidade das ações do movimento (Rafa, Alexia e Lisiane). A proporção da luta, ultrapassando as redes sociais digitais (Lins). A importância em narrar a própria história fortalecendo e construindo a identidade das pessoas envolvidas com o movimento (Ivo). Questionar sobre as pautas jurídicas que permeiam a classe LGBTT+, com posicionamento crítico, por exemplo, a cura gay. E auxiliar aqueles que buscam se informar sobre questões atuais do movimento de maneira objetiva e de fácil entendimento.

Conclui-se que os movimentos sociais atuais possuem, nas novas tecnologias, capacidade de alcançar lugares físicos que dificilmente chegariam apenas com ações pontuais e localizadas. Nesse sentido, o uso do Facebook como espaço de mobilização social, cria oportunidades para estimular aqueles que trabalham de forma voluntária para causas de minorias, com limitações orçamentárias, entre outras inúmeras dificuldades que as identidades de resistência passam na sociedade desigual. Além de proporcionar aos indivíduos novas formas de conhecer os movimentos e se informar pelas novas plataformas que surgem constantemente na era da informação. Cabe a reflexão da sociedade civil organizada de se apropriar das novas tecnologias de comunicação com intuito de descentralizar e desenvolver ações contestatórias.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da G. **Protagonismo da sociedade Civil**: Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2. ed., São Paulo, Cortez, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** 2. Ed., Porto Alegre: Sulina, 2011.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SANTAELLA, Lucia e LEMOS, Renata. **Redes digitais:** a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHULER, Maria. A cultura organizacional como manifestação da multidimensionalidade humana. In. KUNSH, Margarida M. Krohling (Org). **Comunicação Organizacional**: linguagem, gestão e perspectivas. 2. Ed., São Paulo: Saraiva, 2009.

TERRA, Carolina Frazon. **Mídias Sociais... e agora?** São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.